

## ENIGMAS

"Deus inventou as noites que se armam  
De sonhos e as formas do espelho  
Para que o homem sinta que é reflexo  
E vaidade. Por isso nos alarmam."

Jorge Luis Borges  
Os espelhos (fragmento)

A fotografia contemporânea tem uma estranha capacidade de desorientação. Às vezes, ela é óbvia e crua demais, oferecendo-se para as diferentes possibilidades criativas de interpretação; outras vezes, ela pertence mais à ordem dos mistérios no mundo da representação, seja por seu elaborado processo de construção, seja por sua radical experiência visual, fazendo com que a imagem tenha um enorme poder de sedução e persuasão. Nessa fotografia diferenciada em termos de produção e apreensão, que tem hoje presença garantida no cenário das artes visuais, é que podemos inserir o trabalho de Cássio Vasconcellos.

Suas séries anteriores pontuam a história da fotografia brasileira das últimas duas décadas, justamente porque sempre apontam para diferentes estratégias de produção que potencializam as intervenções e as experimentações que provocam nossa compreensão mais imediata. Neste novo ensaio, *Noturnos São Paulo*, o artista assume o desafio de retratar uma cartografia outra do espaço da cidade de São Paulo, e se propõe registrar esse vasto e movediço território que se transforma a cada dia, através de imagens de inegável beleza e surpreendente originalidade. Mais uma vez, seu audacioso exercício de olhar e perceber encaixa-se nos novos paradigmas em que transita a fotografia contemporânea, buscando expandir sua experiência do fazer para ampliar o espectro estético da representação.

Nesta série, bem como nas anteriores, Cássio se permite fazer experimentações de toda ordem, realizando algumas intervenções que possibilitam pesquisar os diferentes resultados oferecidos pela linguagem fotográfica. Novamente, ele opta pela simplicidade técnica ao tomar o registro, para depois iniciar um percurso investigativo incomum na fotografia brasileira. Sua meta é sempre buscar uma certa abstração na imagem para deixar o espectador no limite do êxtase da perturbação. O fotógrafo defende a idéia de que o mais fascinante na fotografia é justamente essa possibilidade intrigante que ela oferece, operando nas fronteiras entre o 'real' e o 'imaginário'.

Estamos assumindo que a fotografia contemporânea se encontra empenhada não em abandonar totalmente o 'real', mas, sobretudo, em despojar-se do realismo exagerado que toda a cultura fotográfica vinculou a este meio como se fosse o seu exclusivo atributo. Na verdade, podemos avaliar a trajetória da fotografia como uma manifestação visual que abandonou sua pretendida ambição inicial – ser arte –, manifestando e exaltando nesse primeiro momento os atributos da técnica, a fluidez e o detalhe, a opacidade e a obscuridade, o instante flagrado de um visível existente. Hoje, ao encontrar os acessos e deixar-se contaminar pelos novos caminhos das artes visuais, vem se destacando como uma poderosa manifestação imagética, legitimando sua vinculação à precariedade e à imprecisão, ao imaginário e à ficção, ao ilusório e ao simbólico.

Nesse sentido, o percurso de Cássio Vasconcellos encontra-se perfeitamente em sintonia com o que denominamos atualmente de fotografia expandida – aquela que rompe paradigmas, que subverte o modelo instituído, que caminha em direção a um esgarçamento de sua especificidade. Nesta série ele instituiu um programa estético que,

ao contrário de suas múltiplas e singulares experiências anteriores, caminha em direção a uma interpretação diferenciada do espaço urbano, com a força e a ousadia que desafia a banalidade pasteurizada da imagem veiculada cotidianamente. Ele nos oferece, além da seleção criteriosa de formas, a oportunidade de contemplar uma cidade intimamente desconhecida, apontando sua câmera para aquilo que nossos olhos apressados não percebem.

O artista insinua a presença de um mistério que nunca se desvela. Suas fotografias exigem tempo do observador antes de se deixar gravar em algum lugar da memória, pois são imagens em que não imperam certezas. Apenas este senso de mistério que reside no fenômeno imaterial que é engendrado pelo simples fato de que nós não podemos reconhecer imediatamente esse mundo visível registrado tão estranhamente. Isso não é metafísico, mas está fora do nosso campo de percepção. Existe nesta série de fotografias de Cássio Vasconcellos uma especial combinação de atenção perceptiva e concentração, de paciência maravilhada, de irrevogável exagero com o mundo das aparências.

A nova série foi desenvolvida através de um processo criativo diferente dos anteriores, que exigiam uma intervenção mais física e material, na matriz ou na cópia. Para desenvolvê-la ele utilizou a câmera Polaroid SX-70, clássica entre os profissionais da imagem. Como os resultados iniciais apresentaram um primeiro plano bastante escurecido, ele testou numa outra série utilizando, primeiramente, os faróis do próprio automóvel e, posteriormente, incorporando uma fonte de luz acoplada a uma bateria. Com essa fonte de luz experimentou o primeiro plano com o vermelho puro, depois o amarelo e, após o domínio do processo, dependendo da imagem e do efeito, foi selecionando a cor desejada. Essas alternativas compõem essa criativa e instigante paisagem urbana.

A partir da imagem polaroid que, notadamente, apresenta uma textura e oferece uma interessante saturação de cores diferente do processo convencional, o artista elaborou novas etapas em termos de procedimento e desenvolvimento de trabalho. Ele processa a imagem através de um scanner e, depois disso, através de uma saída digital, produz uma cópia impressa em papel à base de algodão neutro, com tinta mineral que garante alta durabilidade. Cássio, definitivamente, desenvolve suas séries na direção de uma fotografia expandida, uma espécie de híbrido que resulta da intersecção dos vários procedimentos, anteriormente citados. Essa mutação na identidade da fotografia, perceptível na diferença entre imagem e suporte, configura uma nova relação receptiva.

Cássio Vasconcellos desenvolve em Noturnos São Paulo sua preocupação excessivamente formal, e sua ambição é elaborar, minuciosamente, os enquadramentos, que são rompidos pelas linhas diagonais ou curvas que interrompem os planos paralelos à superfície da imagem e criam a ilusão de profundidade. Por outro lado, existe sempre uma relação entre esses planos, que sugerem uma transição entre o dentro e o fora, o acima e o abaixo. Enfim, de um mundo 'real' para um mundo transcendental. Ele busca a beleza nos espaços lúgubres da cidade, inóspita e irreconhecível. Sua percepção plástica do caótico espaço urbano é capaz de nos transportar para um mundo de luzes que se articulam numa atmosfera plural pelas tensões que dela emanam.

A cidade é vista quase como uma natureza-morta, e o resultado é uma fotografia que contempla a visão do sonho. Uma figuração surreal revelada na maravilhosa experiência dos próprios desejos do inconsciente. O fotógrafo mistura os fragmentos surpreendentes e dissonantes do espaço urbano e nos oferece a sensação de uma harmonia teatral. Rosalind Krauss, ao relacionar a escultura com a teatralidade, lembra que o termo é amplo e pode se vincular tanto à arte cinética como à arte das luzes. Cássio nos assombra quando nos

faz deparar com essa fotografia de manchas luminosas, inesperada e enigmática, que estimula nossa imaginação.

Mas nada espetacularizado, pois sua fotografia é um registro direto dos poucos e diferentes tons que predominam à noite na cidade. Aliás, uma cidade aparentemente isolada, abandonada, que permite apenas o registro de um pulsar rítmico luminoso, programado para mostrá-la no resplendor fugaz de algumas poucas luzes, como se fosse um farol esquecido numa ilha de signos impenetráveis que escondem os mistérios da noite. Cássio Vasconcellos propõe uma contemplação hipnótica de uma atmosfera efêmera flagrada acuradamente por seu olhar sensível, que procura tornar visível uma cidade que existe em forma latente, para comunicar seu mundo interior. Uma sutil melancolia que alucina o espectador que vive na cidade de São Paulo, mas que é incapaz de decifrá-la nessa delicadeza noturna.

Ele retira a identificação mais imediata da cidade para universalizar a leitura do espaço urbano. Usa a fotografia para estilhaçar nossas referências, transformá-las em puras imagens, como se fossem signos de si próprias, auto-referência. Isso é uma forma de nos alertar, com refinamento e sutileza, que a cidade pulsa incandescente, sincronicamente, quase nos mesmos tons. O azul-escuro da noite que nossos olhos não vêem, o filme registra, como se fosse um substituto melhorado do nosso limitado sistema visual perceptivo.

As poucas cores que compõem sua paleta construída caracterizam a série Noturnos São Paulo, criando uma atmosfera singular que dá uma vitalidade incomum a sua fotografia. Por outro lado, a solidude dramática que excita nossas sensações é provocada pelas luzes primárias predominantes nesta série: o vermelho, o azul e o amarelo. A consistência e a lógica dessas imagens evidenciam uma estranha combinação de distância e intimidade que fascina e desperta emoções. Uma visão onírica da cidade que revela beleza, realçada pela luz pictórica que instaura uma espécie de passagem para uma dimensão poética imaginária.

Diante dessas imagens de Cássio Vasconcellos é possível perceber um clima intimista. Minimalista e poético. Um exercício de sensibilidade e apuro técnico, que busca a leveza para transmitir um misto de serenidade e melancolia. Suas soluções estéticas são sempre acompanhadas de procedimentos que surpreendem nossa percepção. Ele tenta abandonar a sintaxe da fotografia convencional, ao apontar sua energia criativa para deslocar nossa atenção, para contaminar os procedimentos clássicos e articular as imagens e as materialidades de outros suportes. Uma busca pela tutilidade da fotografia, que provoca nossos sentidos e transforma nossa visão, ora enchendo nossos olhos de cores e emoção, ora explorando os interstícios entre as luzes e as sombras da razão.

Rubens Fernandes Junior  
Pesquisador e crítico de fotografia